**PROFESSORAS DE ARTE NO ENCONTRO COM AS CRIANÇAS: dúvidas, buscas, aprendizagens.**

*Graziela Ferreira de Mello*[[1]](#footnote-2)

*Iasmim Cavalcanti Caballero Lira* [[2]](#footnote-3)

**EIXO TEMÁTICO:** Formação de professores e educadores de infância

**RESUMO**

O trabalho tem por base as inquietações de duas artistas-professoras que trabalham com as infâncias e hoje são mestrandas em Educação. Considerando as particularidades da pesquisa de cada uma, há um elemento que as une: a busca por expandir horizontes a respeito das possibilidades relacionais entre arte, crianças e educação. Na atuação docente, a percepção dos limites da formação no campo da infância conduziu-nos à busca de referenciais. O diálogo com o trabalho de uma artista contemporânea e de uma atelierista contribuiu para ampliar olhares e vislumbrar novos caminhos.

Palavras-chave: Educação estética, Educação Infantil, Arte e infância.

**INTRODUÇÃO: A prática como ponto de partida**

Somos professoras de Artes. Em nossos percursos formativos, não fomos preparadas para um trabalho com a infância, muito menos para a docência da/na Educação Infantil. Foram os caminhos da prática que nos conduziram ao encontro das crianças, das infâncias e de suas demandas e especificidades; encontro que suscitou movimentos de buscas e estudos, justo por nos faltar, na formação inicial, fundamentos, preparo e discussão sobre o campo da Educação Infantil.

Hoje, olhando para nossa prática do/no passado, tecemos significados e relações que na época não eram claros para nós. Como professoras de arte que iniciavam o contato com a Educação Infantil, o movimento dirigia-se à busca de receitas, métodos, dicas que nos permitissem saber como agir, saber o que fazer. Passado um tempo, fomos aprendendo que o mais importante era compreender que tipo de professora queríamos ser: professoras de arte que se relacionavam com as crianças e buscavam aprender a ser melhor como pessoa e como docente, ou professoras que queriam ensinar algo específico, na direção de práticas habituais, como os famosos “trabalhinhos de artes”. A cada contato com as crianças no cotidiano da escola, a cada proposta oferecida aos diferentes grupos, crescia a necessidade de buscar formas de sair desse estigma de professoras que ensinam técnicas artísticas e fazem trabalhinhos bonitos: estava claro que era preciso aprender a ser educadoras, ainda que não pedagogas.

A partir das tentativas de se construir um trabalho em conjunto com as professoras das turmas de crianças, deparamo-nos também com questões tais como: que referenciais teóricos seriam as bases de um trabalho com arte na infância? Quais autores poderiam ser tomados como interlocutores, na busca por aprender a lidar com as crianças e aprender a criar propostas que pudessem ir além das “atividades” que, no senso comum, esperava-se que uma professora de arte devesse ministrar?

Essas dúvidas mobilizaram a pesquisa sobre a prática e nos conduziram a uma nova forma de olhar a infância e, então, grandes descobertas pessoais e profissionais, a respeito do prazer (e dos desafios) de se estar na educação infantil, com as crianças pequenas, puderam se anunciar. De lá para cá, nossa atuação como professoras de artes foi se fazendo na experimentação, na troca, no diálogo, na observação das crianças e do cotidiano educativo. As dúvidas continuaram, pois o cotidiano educativo não é linear, pronto e acabado; ao contrário, é complexo e exige um constante repensar. Nesse contexto, ingressamos no Mestrado em Educação da Universidade Federal Fluminense, carregando nossas dúvidas e nossos desejos de pesquisar a Arte nas Infâncias e, mais especificamente, na Educação Infantil, ampliando os estudos que vínhamos realizando, sobretudo aprofundando o contato com dois universos teórico-práticos que ofereciam inspiração e contribuíam para o esboço de algumas respostas (e muitas outras perguntas): os diários, transformados em livros, da artista dinamarquesa Anna Marie Holm (2005; 2007;2015), e a experiência educativa da cidade italiana de Reggio Emilia, na qual a centralidade da arte e dos processos expressivos infantis eram centrais (EDWARDS; GANDINI;FORMAN, 1999; VECCHI, 2017).

Considerando as particularidades de nossas pesquisas, um elemento nos une: a busca por expandir horizontes a respeito das possibilidades relacionais da arte com as crianças. Nesse caminho, nos reencontramos com aqueles universos inspiradores e, no presente trabalho, compartilhamos questões, conceitos e práticas que perpassam o trabalho com arte na infância, identificados em duas experiências: a oficina de arte (HOLM, 2005; 2007; 2015) e o ateliê (VECCHI, 1999; 2017).

**EXPERIMENTAÇÃO, CORPO, ARTE E NATUREZA: nas oficinas de arte**

Os livros da artista dinamarquesa Anna Marie Holm (1951-2015), são compostos por registros de observações extraídos de seus diários e por fotografias que dão a conhecer as diversas experiências que propunha em suas oficinas com crianças de todas as idades (inclusive bebês!). As marcas de seu fazer como artista contemporânea estavam presentes nas propostas-desafios que oferecia às crianças; sempre atenta aos modos próprios das crianças de fazer e se relacionar com os materiais, ela tecia em seus diários comentários perspicazes sobre processos infantis observados.

as crianças pequenas possuem um outro olhar para a arte. devemos guardar uma certa distância quando estamos diante de uma obra. as crianças não. elas querem é fazer parte. por isso a arte contemporânea é boa para elas. uma boa parte da produção contemporânea convida o público à interação. proporciona encontros e desafios entre a arte e nós mesmos (HOLM, 2015, p. 108).

Pensar a arte contemporânea na escola expande possibilidades no campo da Arte/Educação, principalmente quando refletimos sobre o trabalho com as infâncias. “A arte é uma ferramenta maravilhosa para se explorar o mundo” (HOLM, 2015, p. 9), pois são múltiplas as possibilidades, não há um só modo de fazer e, com ela, pode-se experimentar, também, outros modos de pensar. Do contato com a arte, exploramos o mundo e ampliamos a imaginação (OSTETTO, 2012).

Percebemos, no caminho trilhado pela artista, essa perspectiva de abertura dos canais de expressão, essa proposição de exploração de tudo que está a nossa volta, articulando com os processos da arte. Em suas oficinas de arte, fica evidente que ela provoca uma desconstrução-reconstrução estética, baseando-se na curiosidade das crianças, valorizando suas múltiplas linguagens, percebendo e acreditando que “ [...] as crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesmas e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas” (HOLM, 2005, p. 9).

Que elementos estruturam suas oficinas? Que fatores são impulsionados para a proposição do encontro das crianças com saberes e fazeres artísticos? Ela diz que é preciso considerar:

[o] estar num espaço desafiador;

a disponibilidade para o corpo se movimentar livremente;

a decisão pessoal da criança de onde ficar na sala;

a escolha de materiais pela criança;

a oportunidade de experimentar;

o controle do tempo;

a conversa, o bate-papo;

a liberdade da criança para ser ela mesma (HOLM, 2005, p. 9).

Partindo dessa perspectiva, torna-se fundamental pensar o papel do adulto que estará mediando as situações propostas, o qual deve estar aberto, sem querer limitar as crianças, controlando o tempo todo, enquanto elas produzem. Deve estar disponível às interações, a brincar com as crianças; estar aberto a essa experiência e que entenda que não se deve limitar a fruição artística da criança, que pode ser encarada como uma simples brincadeira. Simples? Não! Nesse caso, a brincadeira é tudo, é a experiência necessária! Durante o processo, estar junto é essencial. Ao falar do processo e da valorização que Anna Marie Holm dá à atitude de adulto/educador e crianças estarem juntos, escreveu Albano (2007, p.8): “Para ela tudo vai depender da disponibilidade do adulto de ouvir e acompanhar as narrativas criadas durante as brincadeiras, e também, de sua capacidade de propor desafios e aceitar que as crianças transgridam as propostas apresentadas criando outras”.

Não se trata de promover essas experimentações sensoriais e artísticas unicamente em “atividades”, com tempo pré-determinado para se encerrar, pois no cotidiano escolar essas experiências permeiam as mais diversas situações. No diálogo com a artista, compreende-se que o encontro da educação com a arte vai muito além da pretensão de formar artistas, ou de necessariamente ensinar/aprender arte; a arte tem o poder de nos conduzir a locais que não iriamos, ela nos interpela e nos convida a experiências de corpo inteiro, a fazer perguntas e buscar respostas que não estão apenas no campo da técnica, nem mesmo dos sentidos, mas no campo filosófico da existência. Afinal, “Estamos todos num campo de pesquisa artística. De repente me ocorre que é a busca que nos une, pois nos ocupamos de algo em comum e reconhecemo-nos por meio dessa ação. Simples materiais que nos permitem fazer grandes perguntas” (HOLM, 2005, p. 38).

A possibilidade de trabalharmos arte com a natureza, com a mentalidade de aprender com as crianças, na necessária simplicidade de se trabalhar a arte como vida, é essencial, pois, na infância, “Tudo é muito maior. Para as crianças pequenas existe uma conexão direta entre vida e obra. Essas são coisas inseparáveis” (HOLM, 2007, p. 3).

**ESPAÇO DE LINGUAGENS E PRINCÍPIO DA ORGANIZAÇÃO EDUCATIVA: o ateliê**

A cidade italiana de Reggio Emilia ficou conhecida ao redor do mundo por desenvolver uma nova forma de educação para a infância valorizando todas as linguagens da criança e a presença do ateliê, assim como o papel do atelierista, nas escolas de infância se tornou um diferencial (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999).

Uma das características principais (e originais) da pedagogia de Reggio Emilia, consiste em ter “[...] reconhecido e acolhido a estética como uma das dimensões importantes na vida da nossa espécie e, portanto, também nas escolas e na aprendizagem” (VECCHI, 2017, p. 27). Isso, na prática, reflete-se na criação e instalação do Ateliê em suas escolas, não apenas como um espaço físico, mas também como uma metáfora que revela o que ele pode representar: a forma como Reggio Emilia construiu sua pedagogia totalmente voltada para o desenvolvimento da criação e expressão estética na infância.

Vea Vecchi foi uma das primeiras atelieristas a trabalhar em Reggio Emilia, nos anos 1970. Nos seus escritos, entre memórias e reflexões, encontramos uma preciosa discussão sobre a dimensão estética, considerada um conceito multifacetado, pois dialoga com diferentes campos de conhecimento. Nesse quadro compreensivo, ela diz:

[...] *dimensão estética* talvez seja, antes de tudo, um processo de empatia que coloca em relação o sujeito com as coisas e as coisas entre si. [...] É uma atitude de cuidado e de atenção para aquilo que se faz, é desejo de significado, é maravilhamento, curiosidade. É o contrário da indiferença e da negligência, do conformismo, da falta de participação e de emoção. (VECCHI 2017, p. 28)

A autora coloca em evidência a importância da experiência estética nesta abordagem, que vai além da experiência artística, pois seu foco está em experiências com todos os sentidos, como experiências que poderá, então, contribuir para uma “dimensão de maior completude e humanidade” (VECCHI, 2017, p. 27).

Tendo isso em vista, podemos relacionar a necessidade da presença da arte na infância com a necessidade humana de desenvolver a dimensão estética como uma forma de melhorar a sociedade, formando sujeitos mais empáticos, sensíveis e éticos. Isso não se desenvolve apenas com “trabalhinhos de artes”, ou em atividades pontuais. Vecchi (2017), no contexto da pedagogia reggiana, defende a presença da arte de maneira integrada ao cotidiano das crianças (e por que não dizer dos adultos?), apontando enfaticamente que a estética é o contrário da negligência e da indiferença. Se buscarmos compreender o que seria isso, talvez consigamos conceber que, no trabalho com a arte na infância, precisamos sair do pensar (apenas) e tentar agir de acordo, pois não é possível falar de atitude de cuidado apenas na teoria. Dizer “precisamos da dimensão estética em nossas escolas”*,* e nas proposições e planejamentos junto às crianças ter atitudes mecânicas, (con)formadas como se as crianças fossem arestas a serem aparadas por professoras que já foram colocadas em fôrmas um dia e se adequaram, se resignaram.

Lidar com o imprevisível, o não-controlado, o não conhecido, é difícil, principalmente porque essa problemática envolve um trabalho coletivo; que, por sua vez, implica concepções de educação, de arte, de infância; trabalho que não se alcança apenas lendo, estudando, ainda que seja um começo decisivo. Isso se conquista ao longo de anos, por meio de projetos político-pedagógicos claros, que envolvam todos os profissionais da instituição, na perspectiva de se cultivar atitudes abertas às possibilidades, impulsionando o coletivo a seguir fazendo e pensando uma educação infantil de qualidade, na qual a criança, como sujeito que produz cultura e é produzido na cultura, seja realmente o guia (BRASIL, 2009).

**DA DOCÊNCIA EM ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: segue a pesquisa**

Conhecer as experiências e conceitos envolvidos nos trabalhos de Holm e Vecchi, permite-nos compreender/reafirmar que a infância é um campo cujas especificidades devem ser levadas em consideração quando se trata de investigar possibilidades. Tanto a artista, quanto a atelierista, não definem metodologias ou fórmulas infalíveis e universais; muito pelo contrário, oferecem experiências que aliam teoria e prática e ajudam a quebrar paradigmas: seja relacionado a necessidade de rever a forma como lidamos com os materiais nas propostas, seja no que diz respeito ao espaço destinado à criação e aos processos artísticos, ou mesmo na quantidade e qualidade do tempo destinado às demandas das crianças.

O estudo acerca dessas autoras e as questões por elas trazidas, nos fazem perceber como olhar para a prática com arte na infância não se reduz a aulas de artes, pois fica claro que estas não dão conta da criança em sua totalidade. Como avançar, a partir de suas contribuições? Podemos nos inspirar em suas experiências e propostas, pois nos ajudam a compreender que a forma como olhamos para as artes não deve ser nem superficial, nem complexa demais. As propostas e os materiais podem ser simples, comuns, provindos de descartes, recolhidos em meio à natureza, mas o que dará sentido à experiência estética será a intencionalidade do professor que está mediando a situação de aprendizagem.

A inspiração deve começar na forma como olhamos para a arte na nossa vida. E, nessa direção, concordamos que, nesse percurso, “[...] o encontro com a arte torna-se encontro-busca, porque envolve atitude diante da vida, na ousadia e na coragem de correr riscos e de se afirmar autor, criador de outros sentidos.” (OSTETTO, 2006, p. 37).

Em nosso país, são poucas as produções teóricas “[...] que evidenciam as expressões artísticas como eixos fundamentais na educação das crianças pequenas” (GOBBI apud SILVA, 2015, p. 76); devido a isso, se faz necessário o aprofundamento acerca desta temática, reafirmando o caminho que estamos trilhando no mestrado, no caminho ao encontro com as infâncias, na Educação infantil, como artistas, educadoras e pesquisadoras.

**REFERÊNCIAS**

ALBANO, A. A. Prefácio. In: HOLM, A. M. **Fazer e pensar Arte**. São Paulo: MAM, 2005.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2019.

EDWARD,C.; GANDINI,L.; FORMAN,G. **As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.

HOLM, A. M. **Fazer e Pensar Arte**. São Paulo: MAM, 2005.

\_\_\_\_\_\_, A. M. ***Baby-art: os primeiros passos para a arte*.** São Paulo: MAM, 2007.

\_\_\_\_\_\_, A. M. **Eco-Art com crianças**. São Paulo: Ateliê Carambola, 2015.

VECCHI, V. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: Explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.

OSTETTO, L. E. A arte no itinerário da formação de professores: acender as coisas por dentro. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 29-43, jan./jun. 2006.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Arte e educação, crianças e adultos: diálogos para transver o mundo.  [V Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana](http://www.motricidades.org/conference/index.php/cpqmh/5cpqmh/index),São Carlos, [2012.](http://www.motricidades.org/conference/index.php/cpqmh/5cpqmh/schedConf/presentations)

SILVA, M. D. N. da.**As Artes Visuais nas práticas das professoras de uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte**. 2015. 222. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

1. PPGE UFF/FIAR [↑](#footnote-ref-2)
2. PPGE UFF/FIAR [↑](#footnote-ref-3)